

# Comunicação comunitária e a relevância dos vínculos para a constituição de comunidades no ciberespaço

Jorge Miklos<sup>1</sup>

## Resumo

Neste artigo propomos uma reflexão teórica sobre a natureza dos vínculos proporcionadas pelas chamadas comunidades virtuais. Tomando como metodologia a pesquisa bibliográfica, revisamos o conceito de comunidade tendo como objetivo responder ao seguinte problema: as experiências comunicacionais e interativas proporcionadas pelo ciberespaço podem ser definidas como comunidades? O percurso teórico nos leva a concluir que apesar das possibilidades de conexão e compartilhamento de informações advindas das novas tecnologias, quem constrói e alimenta as comunidades são seres humanos usando as tecnologias e não o contrário.

**Palavras-Chave:** Comunicação comunitária; Comunidades; Vínculos; Ciberespaço.

## Introdução

Partimos da premissa de que constituição de comunidades implica vínculo. Vínculo, no âmbito do processo comunicacional, implica segundo Sodré (2002), dizer que o indivíduo desde o seu nascimento é colocado sob a condição “de pôr-se em disponibilidade para algo em comum”, estar literalmente disponível à comunidade, o que o obriga à partilha, à realização de uma tarefa comum. Trata-se do processo de vinculação.

---

<sup>1</sup>Sociólogo, psicólogo e psicoterapeuta na abordagem analítica integrativa. É mestre em Ciências da Religião e doutor em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-doutorado em Comunicação Comunitária pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalha na interface entre Psicanálise, Religião e Cultura. Suas reflexões abordam o vínculo social, o mito, a literatura, a produção audiovisual, a cibercultura, os conflitos, a política e as questões contemporâneas como gênero, masculinidades, religião, vida digital e diversidade. Membro Associado do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (CESEEP) e habitante da OCA JUNGUIANA (Outras Conversas Afiadas), um coletivo formado por vozes de pesquisadores, analistas, psicoterapeutas, arte-terapeutas e interessados nos estudos da Psicologia Analítica de C. G. Jung e dos autores pós-junguianos. Atua como Professor e Pesquisador no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Midiática da Universidade Paulista. Autor dos livros: Ciber-Religião: a construção de vínculos religiosos na cibercultura (Ideias e Letras-2012); Cultura e Desenvolvimento Local: Ética e Comunicação Comunitária (Saraiva-2015); Mediação de Conflitos (Expressa, 2020); Veredas do Sagrado: interfaces entre Imaginário, Ecologia e Religião (Humanitas - 2021). Atualmente desenvolve uma pesquisa financiada pela CAPES e pela UNIVERSIDADE PAULISTA com o título: MASCULINIDADES NA MEDIOSFERA: CONTRIBUIÇÕES DA MÍDIA PARA A CONSTITUIÇÃO DAS IDENTIDADES DOS HOMENS NO IMAGINÁRIO SOCIAL

A comunicação parece ser mesmo fundamental no processo de vinculação. Através da comunicação, a humanidade parece ter hoje maiores condições de explorar, aprender e descobrir o próprio mundo. Povos e indivíduos podem vir a compreender uns aos outros e fortalecer vínculos, laços sociais. A comunicação permeia todos os aspectos do nosso viver.

A comunicação não se constitui apenas na produção e distribuição de informação, mas, sobretudo, no dever de ter abertura para o sensível, para as condições em que o receptor, num processo de troca, recebe, aceita, recusa, remodela mensagens, informações, de acordo com suas convicções filosóficas, políticas e culturais. Afirmamos, assim, a natureza relacional da comunicação, a importância do “outro”, da alteridade na comunicação. Comunicação, então, constitui-se em razão do estabelecimento de laços sociais, de vínculos.

No entendimento da comunicação como interatividade, a criação de vínculos se consolida. E, se estamos tratando de meios de comunicação, de mídia, dentro do contexto em que se observa uma centralidade da comunicação, certamente, como ponto determinante, fica afirmado que os mundos da mídia são fenômenos do relacional. Os mundos da mídia com suas convenções, linguagens, códigos determinantes de indicadores consolidam ideias, atitudes a vínculos comunicacionais, como sugere Malena Contrera:

Considerando o vínculo "a base primeira para a comunicação", esses vínculos passam a ser uma das questões centrais dos estudos sobre a comunicação humana, ainda que não tenham sido devidamente considerados até o presente momento. Nesse sentido, é importante que façamos uma ressalva acerca do fato de que é a desconsideração do papel do vínculo para a comunicação que colabora para a manutenção de uma visão empobrecida sobre o processo comunicativo, muitas vezes conferindo às trocas de informação seu aspecto central. Ao considerarmos os processos de vinculação, lançamos um novo sentido às relações comunicativas, evitando uma concepção de que trocas comunicativas se assemelham a meras relações comerciais e instrumentais, e chamando a atenção para a importância dos processos de significação constituídos nessas relações. (Contrera, 2010:354)

Entendendo o processo comunicacional constituído por um processo de vínculos indagamos: é possível a constituição de vínculos comunitários no ciberespaço? O que caracteriza uma comunidade no mundo atual? O que são comunidades virtuais? Como conceituar os novos tipos de comunidades surgidas no contexto da cibercultura? Essas são algumas questões que pretendemos trabalhar ao longo deste texto.

## **Marco teórico**

O termo comunidade tem origem latina, *communis*, que quer dizer ‘pertence a muitos’. Baseia-se numa relação em que predomina a economia familiar e o parentesco – o pertencimento

a um grupo por meio de laços de cultura, como a família e a igreja. A comunidade está relacionada a laços de solidariedade e afetividade que orientam a ação social de uma coletividade.

Pode-se constatar que o conceito *comunidade* é atravessado por inúmeros sentidos. Raymond Williams (1969) considerava que os conceitos possuem intrínseca relação com o contexto histórico e com a sociedade na qual foram gerados. Para ele, os conceitos, além de serem definidos historicamente, também são definidos a partir da mudança da realidade e da luta que se realiza em torno deles. Desse modo, vamos retomar o conceito de Comunidade em Tönnies e avançar para perspectivas mais recentes.

Para Tönnies (1995), comunidade (*Gemeinschaft*) é um tipo puro definido em oposição à sociedade (*Gesellschaft*). A comunidade é um corpo, tanto na sua representação fisiológica (um todo cujas partes estão reciprocamente harmonizadas), quanto existencial (o corpo em que acontece a experiência do íntimo e do vivido). Mas, trata-se de um corpo ampliado, ou melhor, de um agregado de corpos que ao interagir, no mesmo espaço local, constitui uma unidade íntima e fisiológica, como se fosse um único organismo vivo. O autor classificava comunidade a partir dos laços de sangue (parentesco, família); de vizinhança (comunidade de lugar) e da afinidade espiritual (comunidades de espírito).

Raquel Paiva (2007) retomou os estudos de Tönnies, e apontou três possibilidades de vida comunitária, as quais adotamos neste trabalho: “a consanguínea, ou seja, aquela calcada em laços de parentesco; a de proximidade, baseada nas relações de vizinhança; e a espiritual, atravessada pelos interesses, sentimentos, afetos em comum” (Paiva, 2007:135). Elucidando melhor essas possibilidades de vida comunitária, bem como seu intrínseco processo de criação de vínculos, a autora estabelece sua definição de comunidade como sendo:

(...) aquela centrada na perspectiva de que, a partir da vida comunitária, tem-se a possibilidade da experimentação dos laços e vínculos entre seres humanos, entre seres humanos e o território, entre seres humanos e sua história, entre seres humanos e a natureza, entre seres humanos e o cosmo. (Paiva, 2007:136)

A questão norteadora desta pesquisa que emerge a partir desse conceito de comunidade é se as experiências comunicacionais e interativas propiciadas pelo ciberespaço podem ser definidas como comunidades. Para isto retomamos o conceito otimista de *Comunidade Virtual* em Howard Rheingold (1996), que via nas interações virtuais a cura para o individualismo e a falta de cooperação criados pela frieza da tecnologia.

Nessa mesma perspectiva Pierre Levy (1999) celebra o advento da internet que possibilitou, graças a própria dinâmica da rede, uma descentralização, ajudando a conectar pessoas e possibilitando a construção de inteligência de maneira colaborativa.

Porém, para fins do questionamento central desta pesquisa, trazemos para discussão posturas mais críticas como a de Primo (2007), que a partir dos estudos de Levy levanta importantes questões sobre a natureza das interações que se travam no ciberespaço, concluindo, por fim, que o aspecto material e físico da interatividade possibilitados pela interface oculta sua dependência da virtualidade. Em outros termos, a interatividade existe enquanto efeito propiciado pela virtualidade. Sendo assim, se as interações são virtuais os vínculos podem ser reais?

Para responder a esta questão retomaremos o conceito de *vínculos comunicacionais* em (Contrera, 2010)

Nesse sentido também podemos considerar a contribuição do estudo dos vínculos comunicativos para um alargamento da compreensão sobre os meios de comunicação, entendendo-os como espaços (físicos ou simbólicos) nos quais essa rede de vinculação deve operar numa escala socialmente maior do que a da comunicação interpessoal, e refletindo sobre se esses meios têm ou não, de fato, desempenhado esse papel, ou se tornaram meros espaços funcionais por onde transitam informações assépticas e vazias de sentido, apenas quantitativa e mercadologicamente consideradas. (Contrera, 2010:354)

Para a autora, os vínculos comunicacionais vão muito além de um processo instrumental e mecânico de troca de informações. Eles exigem a troca de significados nas relações comunicativas humanas e a criação de afeto.

## **Metodologia**

Tomaremos como metodologia a pesquisa bibliográfica. O trabalho de revisão bibliográfica sobre um tema visa estabelecer os conceitos teóricos que são adotados ao longo da investigação e demarcar o viés de abordagem teórico-conceitual. Para Lakatos (1992:44), a pesquisa bibliográfica é o primeiro passo de qualquer pesquisa e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato com aquilo que já foi escrito sobre o tema e lhe oferecer um reforço paralelo para sua análise das informações.

Admitindo que a ciência se constrói por uma busca permanente do conhecimento válido, “então cada nova investigação deve fundamentar-se no conhecimento já existente e de igual maneira assumir uma posição frente ao mesmo” (Bernal, 2006:123, *Tradução nossa*). A pesquisa baseada em teorias e conceitos já existentes sobre um determinado tema possibilita ao pesquisador desenvolver o assunto longe de um ponto de vista do senso comum.

No entanto, há que se destacar que a pesquisa bibliográfica tem como objetivo colocar os autores em diálogo propondo avanços teórico-conceituais, bem como observar criticamente onde cada teoria apresenta inconsistências e/ou explicações incompletas (Booth; Colomb; Williams, 2008:79). Pode até parecer paradoxal, mas, o grau de originalidade de uma pesquisa pode ser

apreendido da elaboração de seu referencial bibliográfico. A bibliografia não é um mero resumo ou paráfrase das obras consultadas.

A revisão bibliográfica não existe por um mero formalismo da academia, mas sim, para dar consistência teórico-metodológica para construção e observação do objeto de pesquisa. As teorias aguçam nosso olhar crítico possibilitando um olhar mais apurado sobre um determinado fenômeno (Alves-Mazzoti & Gewandsznajer, 2009:187).

## **Discussão**

No âmbito das Ciências Humanas e Sociais, o livro *Gemeinschaft und Gesellschaft* (Comunidade e Sociedade) publicado pela primeira vez em 1887 de Ferdinand Tönnies exerce grande influência para os estudos de comunidade. A obra, considerada um clássico da Sociologia, é leitura obrigatória para aqueles que pretendem um revisionismo do conceito de comunidade.

Esse livro representou um momento fundador na medida em que inaugurou para as Ciências Sociais uma nova percepção do comunitário como objeto teórico. Os argumentos aqui expostos bem como as próprias falas de Tönnies, foram extraídos do livro organizado por Orlando Miranda (1995), *Para ler Ferdinand Tönnies*. Esse livro teve o mérito de reunir, numa única publicação, comentários críticos dos principais estudiosos de Tönnies, dados biográficos, além da tradução de dois terços do livro.

Peruzzo define assim a proposta conceitual de Tönnie:

Ele [Tönnies] fala que a “unidade e a possibilidade de uma comunidade das vontades humanas se apresentam imediata, nos laços de sangue; em segundo lugar, na proximidade espacial e, finalmente, para os homens, na aproximação espiritual”. Ou seja, ele compreende comunidade a partir dos laços de sangue (parentesco, família); de vizinhança (comunidade de lugar) e por afinidade espiritual (comunidades de espírito). Entre os elementos essenciais no processo comunitário para Tönnies estão: vontade comum, compreensão, direito natural (fundamentado na igualdade entre os homens), língua e concórdia. (Peruzzo, 2002:278)

Para Tönnies os laços comunitários seriam prolongamentos da socialização primária (família, amigos), seriam prolongamentos de uma afetividade natural. Destarte, Tönnies distingue outras formas comunitárias em que a unidade afetiva está associada a outras dimensões como a comunidade de lugar, que se define por referência a um território compartilhado, por um mesmo grupo de famílias, ou de pessoas vizinhas, ou de pessoas próximas e por redes de vizinhanças.

Além da comunidade de sangue e de lugar, Tönnies refere-se também à comunidade de espírito que remete também a um lugar ou a um laço social, mas sua forma é imaterial: “um laço invisível, um imperativo moral, uma reunião mística animada de algum modo por uma intuição e

uma vontade criadora” (Tönnies, 1995:240). Tönnies observa que as comunidades de espírito embora menos orgânicas, podem ser estruturantes, ou seja, estabelecer a coesão social.

Para Ferdinand Tönnies (citado por Paiva, 2003) a comunidade (*Gemeinschaft*) representa um fator de coesão social, no entanto, a sociedade (*Gesellschaft*,) representa a construção artificial de um amálgama de seres humanos que, na superfície assemelha-se à comunidade, onde os indivíduos convivem pacificamente, “entretanto, na comunidade permanecem unidos apesar de todos os fatores para separá-los, ao passo que na sociedade permanecem essencialmente separados, apesar de todos dos fatores tendentes para sua unificação” (Paiva, 2003:70).

Em suma, Tönnies estabelece o conceito de comunidade em oposição ao de sociedade. Ele considera que comunidade e sociedade são dois tipos de vida distintos. Em linhas gerais, postula que, em uma comunidade (*Gemeinschaft*), os indivíduos agem segundo a tradição e o costume, suas ações são resultado de um talento ou vocação e orientam sua conduta no sentido de garantir a sobrevivência da própria comunidade. Seria, em princípio, o tipo de vida típico do ambiente rural, camponês, ainda com resquícios do período medieval.

Já na sociedade (*Gesellschaft*) – tipo de vida característico da cidade, do ambiente urbano – os indivíduos agem estabelecendo metas e lançando mão dos meios necessários para atingir os fins almejados. Tais meios podem ser inclusive pessoas ou grupos de pessoas. Numa sociedade, as ações são o resultado de uma obrigação externa.

## **Características da vida em comunidade**

A comunidade é marcada por uma relativa homogeneidade existente entre os indivíduos que a compõe, em relação a suas crenças e valores bem como a hábitos e costumes.

Dessa forma, predominam, nas comunidades, as relações pessoais e os laços familiares, assim como o apego às tradições que são transmitidas e geração em geração através de ritos coletivos e/ou de natureza religiosa. Sobressaem-se as atividades agrárias e artesanais que exigem pequena divisão social do trabalho. Essa homogeneidade social seria decorrência do território e da proximidade na vida das pessoas que vivem na comunidade.

É patente que pertencemos a uma comunidade pela aceitação de valores afetivos, emotivos ou tradicionais. O sentimento de pertencimento ao todo orienta as ações dos membros de uma comunidade. Para a formação de uma comunidade são necessárias condições para o desenvolvimento da identidade do grupo, como o estabelecimento das normas que regem as relações e o comportamento de cada membro, aproveitando as qualidades e reconhecendo e superando as dificuldades de cada um, com responsabilidade no planejamento e na execução das ações que permitem a comunidade atingir seus objetivos.

Presença é estada em um lugar. Está presente aquele que assiste ou comparece pessoalmente, ou seja, encontra-se em um lugar fisicamente. Em uma comunidade presencial, existe o sentimento de pertencimento a um grupo e a presença física dos membros é requerida e delimita os espaços, os tempos e a natureza das interações.

A convivência em um espaço delimitado e comum a todos é condição necessária para as negociações e tomadas de decisão que permitem ao grupo fortalecer-se e ser bem-sucedido, uma vez que o espaço geográfico é o palco onde as interações acontecem de forma prioritária, não mediada e simultânea.

Cicilia K. Peruzzo (2002) a partir também de uma visão clássica considera a existência como premissa para a construção de um vínculo comunitário:

- a) um processo de vida em comum através de relacionamentos e interação intensos entre os seus membros;
- b) autossuficiência (as relações sociais podem ser satisfeitas dentro da comunidade);
- c) cultura comum;
- d) objetivos comuns;
- e) identidade natural e espontânea entre os interesses de seus membros;
- f) consciência de suas singularidades identificativas;
- g) sentimento de pertencimento;
- h) participação ativa de seus membros na vida da comunidade;
- i) *locus* territorial específico;
- j) linguagem comum. (Peruzzo, 2002:293)

Embora o sentido de cada uma destas características seja altamente significativo para a caracterização de uma comunidade, diante das transformações na sociedade, tais conceitos, se aplicados de forma rígida, impediriam enxergar as novas configurações de comunidade na atualidade.

Há nuances nos conceitos de comunidade que merecem ser recuperados e/ou atualizados. Comunidade não pode ser tomada como qualquer coisa, como um aglomerado, um bairro, grupo social, um segmento social.

Se não encontramos todas as características de comunidade acima referidas, pelo menos algumas delas devem estar presentes para que exista uma comunidade. Alguns elementos, tais como interação, participação, confluência em torno de interesses, identidades, sentimento de pertença, caráter cooperativo, são imprescindíveis para que se caracterize comunidade.

## **Vida em comunidade e o conflito entre liberdade e segurança**

Num livro publicado em 2003, intitulado “Comunidade: a busca por segurança no mundo atual”, Zygmunt Bauman, sociólogo reconhecido por seus trabalhos sobre o fenômeno da globalização, procura analisar o que estaria se passando atualmente com a noção de comunidade.

É possível perceber uma série de conceitos em jogo no texto do autor: individualismo, liberdade, transitoriedade, cosmopolitismo dos bem-sucedidos, comunidade estética, segurança.

Bauman (2003) supõe que haja uma oposição entre liberdade e comunidade. Considerando-se que o termo comunidade implique uma “obrigação fraterna de partilhar as vantagens entre seus membros, independente do talento ou importância deles” Bauman (Bauman, 2003:59). Indivíduos egoístas, que percebem o mundo pela ótica do mérito (os cosmopolitas), não teriam nada a “ganhar com a bem-tecida rede de obrigações comunitárias, e muito que perder se forem capturados por ela” (Bauman, 2003:59).

O texto defende a ideia de que hoje comunidade e liberdade são conceitos em conflito: há um preço a pagar pelo privilégio de viver em comunidade. O preço é pago em forma de liberdade, também chamada autonomia, direito à autoafirmação e à identidade. Qualquer que seja a escolha, ganha-se uma coisa e perde-se outra. Não ter comunidade significa não ter proteção e alcançar a comunidade, se isto ocorrer, poderá implicar em perder a liberdade (Bauman, 2003:10).

## **Comunidades Virtuais**

Foi Howard Rheingold (1996) um dos primeiros a discorrer sobre a revolução informática e analisar seus possíveis impactos na sociedade. Em *A Comunidade Virtual*, ele afirmou que “as redes de computadores são necessárias para recapturar o espírito cooperativo que tantas pessoas pareciam ter perdido quando adquiriram sua tecnologia”, porque os PC’s (*personal computers*) ligados em rede permitem a comunicação e “podem promover uma mudança de consciência num sentido igualitário, cooperativo e emancipatório, desde que, estejam em mãos adequadas e a serviço de novas formas de convivência em sociedade” (Rheingold, 1996:27-28).

Para Rheingold com o advento da internet tal prática parece ter sido intensificada com a presença das redes mundiais de computadores, que aproximam os indivíduos e possibilitam o surgimento de novas formas de relações sociais, entre as quais se destacam as comunidades virtuais, espécie de agrupamentos humanos constituídos no ciberespaço ou no ambiente virtual. As comunidades virtuais foram definidas inicialmente por Rheingold (1996) como

(...) agregações sociais que emergem na Internet quando uma quantidade significativa de pessoas promove discussões públicas num período de tempo suficiente, com emoções suficientes, para formar teias de relações pessoais no ciberespaço (Rheingold, 1996:18).

O sociólogo espanhol Manuel Castells afirma que a Internet é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a Internet faz é processar a virtualidade

e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos (Castells, 2003:287).

Nesse sentido, também concorda que as “comunidades virtuais” necessitam de ter por base sentimentos de comunhão, confiança, compromissos, responsabilidade e objetivos comuns, pois “comunidades são redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, informações, e um senso de integração e identidade social” (Castells, 2003:106).

Castells ainda considera a internet como um meio capaz de produzir interações sociais:

A emergência da Internet como um novo meio de comunicação esteve associada a afirmações conflitantes sobre a ascensão de novos padrões de interação social. Por outro lado, a formação de comunidades virtuais, baseadas, sobretudo em comunicação on-line, foi interpretada como a culminação de um processo histórico de desvinculação entre localidade e sociabilidade na formação da comunidade: novos padrões, seletivos, de relações sociais substituem as formas de interação humana territorialmente limitada. Por outro lado, críticos da Internet, e reportagens da mídia, por vezes baseando-se em estudos acadêmicos, sustentam que a difusão da Internet está conduzindo ao isolamento social, a um colapso da comunicação social e da vida familiar, na medida em que os indivíduos sem face praticam uma sociabilidade aleatória, abandonando ao mesmo tempo interações face a face em ambientes reais. Além disso, dedicou-se grande atenção a intercâmbios sociais baseados em identidades falsas e representação de papéis. Assim, a Internet foi acusada de induzir gradualmente as pessoas a viver suas fantasias on-line, fugindo do mundo real, numa cultura cada vez mais dominada pela realidade virtual. (Castells, 2003:98)

Diferentes tipos de redes, somados à vanguarda da Internet, garantem a vinculação entre a produção da ciência e os espaços de seu uso. São redes os fluxos financeiros globais; a teia de relações políticas e institucionais que governa a União Europeia; o tráfico de drogas que comanda pedaços de economias e sociedades no mundo inteiro; a rede global das novas mídias, que define a essência da expressão cultural e da opinião pública:

A noção de “comunidades virtuais”, propostas pelos pioneiros da interação social na Internet, tinha uma grande virtude: chamava a atenção para o surgimento de novos suportes tecnológicos para a sociabilidade, diferentes formas anteriores de interação, mas não necessariamente inferiores a elas. Mas também induziu a um grande equívoco: o termo “comunidade”, com todas as suas fortes conotações, confundiu formas diferentes de relação social e estimulou a discussão ideológica entre aqueles nostálgicos da antiga comunidade, especialmente limitada, e os defensores entusiásticos da comunidade de escolha possibilitada pela internet. (Castells, 2001:105).

Mas se na visão clássica a comunidade é decorrência, entre outros elementos, do território e da proximidade na vida das pessoas, na cibercultura a noção de território é relativizada uma vez que tratamos de uma comunidade no ciberespaço, ou seja, no virtual.

Para o conhecido filósofo Pierre Levy (1999) a Internet traz benefícios inexoráveis para a espécie humana na medida em que o formato descentralizado da rede possibilita às pessoas

conectadas construir e partilhar a inteligência coletiva sem submeter-se a qualquer tipo de restrição ideológica.

Consideramos a concepção de Levy é tributária a Norbert Wiener, matemático, norte-americano. Wiener já propugnava nos anos 1940 com a ideia de cibernética<sup>2</sup> uma civilização que se pusesse para além da ideologia da barbárie (como era o marxismo para o comunismo, o liberalismo para o capitalismo, o nazismo para o terceiro reich). A comunicação era uma ideologia que poderia cumprir com rigor a ideia de uma sociedade livre, pois uma sociedade livre era a sociedade da informação livre (Wiener, 1968).

Na esteira da utopia cibernética, Levy encara a Internet como um agente democrático (porque democratiza a informação) e humanitário (porque permite a valorização das competências individuais e a defesa dos interesses das minorias). Levy aposta no potencial educacional e descentralizador da Internet. Para ele, o cidadão conectado à rede tem condições de interferir diretamente no controle das decisões públicas sem mediadores, algo que pode ajudar a descentralizar, democratizar e aperfeiçoar a esfera pública.

Para Levy (1999), a cibercultura ensejará o aparecimento de uma nova ecologia cognitiva, a difusão de uma inteligência coletiva e a expansão da cidadania por meio do exercício da tecnodemocracia. Levy conjectura a vocação democrática da Internet cujas transformações econômicas, políticas e sociais provocadas pela emergência do ciberespaço permitiram a formação da *ágora virtual*<sup>3</sup>.

Obviamente que Levy desiste dos aspectos críticos que configura a internet não considerando os movimentos que a impulsionam e que a relacionam com o capitalismo e o mercado, principais proponentes da ordem mundial.

Mas, se Levy fecha os olhos para os aspectos econômicos e políticos que configuram a rede, Dênis de Moraes (2008) abre nossos olhos afastando ilusões e avaliando perspectivas:

Os avanços alcançados na comunicação alternativa em rede não devem alimentar falsas ilusões. Sabemos que a internet não escapa de ambiguidades e ambivalências. Basta verificar os contrastes entre a febre por ganhos dos mercados financeiros online e o ativismo anticapitalista. Mas seria de se esperar purezas na megarrede, sendo ela uma extensão da imperfeita inteligência humana que a concebeu? (...) É um erro supor que as aberturas na internet possam sobrepujar o cenário de transnacionalização da comunicação, inclusive no campo virtual, em que as corporações midiáticas fincam seus

---

<sup>2</sup> O prefixo “*ciber*” designa controle, governo. No lastro da criação de Wiener (a cibernética), surgiu mais recentemente uma grande variedade de palavras com o mesmo prefixo, entre as quais cibercultura.

<sup>3</sup> A *ágora* era a praça onde os antigos gregos atenienses reuniam-se para debater e deliberar acerca de suas questões políticas. Era na *ágora* que se constituía a *ecclêsia*, a assembleia dos cidadãos, para decidirem sobre os destinos da polis. O conceito de *ágora virtual* é de que na época da cultura digital pode-se reviver o sentido político da *ágora* onde por meio da participação livre e igual dos cidadãos se constitui a democracia.

tentáculos com agressividade, controlando os sites mais populares, e, com isso, atraindo crescentemente anúncios e patrocínios. (Moraes, 2008:55-56)

Para Pierre Lévy, o virtual não se contrapõe ao real. Assim, ao se falar em comunidade virtual está-se acrescentando ao conceito de comunidade uma nova heurística. Ao analisar se determinada *rede social* constitui-se como uma comunidade ou dá meios para a formação de uma, estaremos investigando se ela se apresenta como uma solução em potencial para esse anseio humano, ou em outras palavras, se, por exemplo, uma comunidade no Facebook pode ser considerada uma forma de atualização da comunidade.

Alex Primo (2007:124), tomando por base as definições de Lévy, sugere que, no que diz respeito à interface, “sistemas interativos mútuos se interfaceiam virtualmente, enquanto os sistemas reativos apresentam uma interface potencial”. Em outros termos

uma interface reativa resume-se ao possível, que espera o clique do usuário para realizar-se. A tela está ali, completamente programada e perfeita para disparar um mecanismo ou uma nova tela que espera por seu destravamento. Como o possível é o real na espera da existência, isto é, já está completamente constituído no limbo esperando ser realizado, não se pode pensar uma interface dessas como mutuamente interativa. A interatividade mútua depende da virtualização, da problemática. Já interfaces potenciais são tão reativas que podem ter sua realização pré-testadas. Existem programas que podem analisar todos os links possíveis e presentes e averiguar se conduzem corretamente àquele novo item ou àquela nova página ou seção pretendidos. Logo, percebe-se que esse tipo de interface se resume ao possível. O usuário apenas transita pelo pré-resolvido, pelo pré-testado, disparando o inevitável. Nessas interfaces é preciso contentar-se com a potencialização do real. Um real que esteve sempre prestes a se mostrar. Por outro lado, uma interface de interação mútua cria o cenário para a problematização, um ambiente virtual onde acontecerão diversas atualizações. Portanto, a interatividade plena depende do virtual. (Primo, 2007:124)

Ou seja, o ambiente da cibercultura nada possui em comum com os motivos que levam a pessoa a se vincular e a querer pertencer a determinado grupo ou se comprometer com o mesmo. Essa questão se torna um ponto chave a ser avaliado, conforme ressalta Contrera:

Frente a esse cenário, não se torna difícil entender a urgência de proposição de práticas comunicativas que ofereçam a possibilidade de estabelecimento de novos vínculos (e da alimentação dos antigos vínculos desejáveis). No entanto, como é possível propor práticas comunicativas que se prestem a esse papel partindo de uma visão tão mecanicista e racionalista de comunicação, voltada mais para o mercado de consumo tecnológico do que para complexidade da alma humana. (Contrera, 2010:126)

Contrera afirma que a mídia digital, mais intensamente, e com grande sucesso, é utilizada para a promoção do consumo da sociedade do espetáculo, e que o grande desafio é atingir na complexidade a alma humana, pois as pessoas buscam resiliência, ouvidos que as ouçam, palavras que as preencham em suas necessidades mais íntimas, comunhão com semelhantes e partilha das aflições e traumas.

É necessário, no entanto, distinguir dois polos de apropriação da telemática, no que tange às comunidades: no primeiro, está a comunidade puramente virtual, que se utiliza de ferramentas (*Facebook*) para criar vínculos tão frágeis que podem ser considerados meramente *conexões* como pondera Edilson Cazeloto:

No outro polo, está o uso das redes por parte de comunidades instituídas em um momento anterior (concreto) que se utilizam das técnicas de comunicação digital para o fortalecimento de laços presenciais e para a divulgação de seus valores e projetos. *A comunidade não é formada na rede, mas alimenta-se das conexões para aumentar as oportunidades de contato.* (Cazeloto, 2009:9 - *Grifo nosso*)

Ainda sobre a vinculação em ambientes virtuais Raquel Paiva (2003:73) em seus estudos sobre comunidades, afirma que “o que se procura é perceber as maneiras como o sujeito tem realizado seu projeto de dividir o espaço e de que maneiras outras poderia rearranjar seu cotidiano”.

## **Resultados**

Após trilhar o caminho teórico que nos colocou diante dos conceitos de comunidade, comunidade virtual e vínculo, consideramos que o que se experimenta na internet é uma falsa sensação de pertencimento na medida em que o uso do aparelho está limitado a repetição das formulas já pré-concebidas nos ambientes virtuais. O processo comunicacional no ambiente virtual possibilita um fluxo diferente de fluxo de informações, mas a comunicação está limitada pelas possibilidades e impossibilidades do aparelho.

Atualmente os meios de comunicação de massa principalmente impulsionados pelos avanços das redes telemáticas em especial a internet, propagam a ideia de interatividade como instrumento de aproximação dos públicos.

Tendo como base esta afirmação e a visão apresentada principalmente por Tönnies percebemos que a necessidade de relacionamento com outros é latente no ser humano. Na sociedade, a necessidade de reconhecimento e o convívio são diretamente ligadas as pulsões de existir. Isto cria o ambiente propício à interação que nada mais é do que essa relação entre o eu e os outros.

Porém, as redes telemáticas ao se apropriarem do termo interação na verdade não ofertam na sua totalidade esta relação. Existe sim a visibilidade e reconhecimento proposto por Todorov (1996), e o compartilhamento de informações de maneira descentralizada. Porém, não se trata do reconhecimento do eu e sim o reconhecimento da imagem virtual em sobreposição a imagem real. Pois, a maioria dos perfis das comunidades virtuais oculta o que são de fato as pessoas e mostram o que gostariam de ser.

O conceito de interação é apropriado para difusão dos meios de comunicação telemáticos sem que nestes necessariamente tenha interação, já que os ambientes criados são moldados para ações reativas e não interativas. O principal argumento de defesa para quem faz a afirmação de que tais meios são interativos é de que hoje podemos escolher o que queremos, ler, ver, ouvir, ou seja, ações meramente reativas.

Muitos teóricos pautados em conceitos funcionalistas vigentes tentam decifrar a confusão em torno do que é interação e de como ela se dá na medida em que as redes sociais online têm grande penetração junto à sociedade.

Por isso faz deste um tema importante do ponto de vista do aprofundamento da discussão mais crítica e criteriosa, saindo do campo funcionalista, somente com um olhar empresarial pautado no que ações de marketing alardeiam como o descobrimento da interação.

Considerando o vínculo *a base primeira para a comunicação*, esses vínculos passam a ser uma das questões centrais dos estudos sobre a comunicação humana. Nesse sentido, é importante que façamos uma ressalva acerca do fato de que é a desconsideração do papel do vínculo para a comunicação que colabora para a manutenção de uma visão empobrecida sobre o processo comunicativo, muitas vezes conferindo às trocas de informação seu aspecto central.

Percebemos nos estudos da comunicação, um sinal de igual entre teorias da informação e teorias da comunicação, sendo que as primeiras se ocupam normalmente de aspectos funcionais e instrumentais das trocas informativas, alinhando-se muitas vezes aos estudos da cibernética, enquanto a segunda deveria se ocupar dessa dimensão complexa da constituição e dinâmica dos vínculos comunicativos. Isso estabeleceria uma clara distinção entre os papéis de informar e comunicar, hoje usualmente confundidos.

Ao considerarmos os processos de vinculação, lançamos um novo sentido às relações comunicativas, evitando uma concepção de que trocas comunicativas se assemelham a meras relações comerciais e instrumentais, chamando a atenção para a importância dos processos de significação constituídos nessas relações.

Poderíamos considerar, nesse caso, que o sentido do vínculo está exatamente em sua processualidade e complexidade, dificilmente garantidas pela mera possibilidade de conexão.

Parece-nos que essa relação de confrontação entre o que é de fato e o que quer transparecer é a base das relações no contexto da cibercultura. Os usuários criam perfis nas redes sociais construindo um simulacro de si, passando a se comportar como este ser estereotipado de acordo com as impressões constituídas pelas relações na internet. Trata-se de uma busca pela aceitação.

Assim, é provável que Rogério da Costa esteja correto ao diferenciar *rede de comunidade*. Comunidades são formadas de vínculos, grupos que estabelecem laços consanguíneos,

compartilham territórios, utopias. Redes são aparatos técnicos que permitem de forma veloz e descentralizada o compartilhamento de informações. Nesse sentido, a internet é uma importante ferramenta para o compartilhamento de informações, mas não uma tecnologia redentora. A tecnologia não molda o presente e tampouco o futuro da humanidade. Quem constrói e alimenta as comunidades são seres humanos usando as tecnologias disponíveis em seu tempo para isso.

Comunicamo-nos porque carecemos de afeto, de calor, de segurança. Quando isso não ocorre, germina um imenso vazio. É no imenso vazio que nasce o desejo de comunicação, de religação com o *outro*.

## **Conclusões**

As comunidades (concretas e virtuais) apresentam um fenômeno permeado de grande densidade e complexidade epistemológica, teórica e histórica. Atualmente elas atravessam um momento de transformações viscerais, as quais ainda em processo de mudança de qualidade, não se adequando a estudos definitivos.

O termo comunidade nos anos recentes tem sido apropriado por muitos teóricos em várias perspectivas. É utilizado, entre outros, para referenciar tipos de agregação social. Por vezes é empregado como sinônimo de sociedade, organização social, grupos sociais ou sistema social. É também utilizado para designar segmentos sociais como, por exemplo, comunidade universitária, comunidade negra, comunidade religiosa, comunidade de informação, comunidade científica, comunidades dos artistas etc. Usa-se o termo comunidade, ainda, para caracterizar agrupamentos sociais situados em espaços geográficos de proporções limitadas (bairro, vila, lugarejo) e para designar grupos de interesse afins, interconectados na rede mundial de computadores, chamados de *comunidades virtuais*, entre outros.

A emergência da cibercultura está associada a afirmações muitas vezes conflitantes sobre a ascensão de novos padrões de interação social. O uso cada vez mais expansivo da internet parece ter um efeito positivo sobre a interação social.

A internet veio introduzir alterações nos modelos de sociabilidade que conhecíamos, criando novas formas de interagir que ocorrem numa dimensão espaço-temporal distinta daquelas que reconhecemos tradicionalmente levando, necessariamente, a novas concepções de comunidade e de comunicação.

Se por um lado, o termo é utilizado demasiadamente de modo indistinto, por outro evidencia a existência atual de várias formas de agregação social que portam algumas características de perfil comunitário. É todo um movimento que se constrói a partir do local de moradia ou de outras identidades, sejam elas simbólicas espirituais etc., que afloram simultaneamente ao processo de globalização.

As mudanças vividas na sociedade e que tem contribuído para constituir novas formas de organização social e de sociabilidades, alteram determinados paradigmas e indicam a necessidade de revisitar e repensar os conceitos de comunidade.

## REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, A. J. & GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2º Ed. São Paulo: Pioneira, 2009.
- BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.
- BERNAL, C. A. **Metodología de la investigación**. 2.ed. México: Pearson Educación, 2006.
- BOOTH, W. C., COLOMB, G. G & WILLIAMS, J. M. **A arte da pesquisa**. 11º Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CAZELOTO, E. **Comunidades Virtuais e redes sociais: uma abordagem materialista sobre o modo de vinculação online**. In: Anais do V Simpósio da Abciber, 2011. Disponível em: <http://simposio2011.abciber.org/anais/Trabalhos/artigos/Eixo%204/4.E4/95.pdf>.
- CONTRERA, M. S. Vínculo. In: MARCONDES FILHO, C. J. R. (Org.). **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.
- COSTA, R. **Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva**. Interface – Comunic., Saúde, Educ., v. 9, n. 17, p. 235-48, mar./ago, 2005.
- LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico: Procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. São Paulo: Atlas, 1992.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MIRANDA, O. (Org.). **Para ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: EdUSP, 1995.
- MORAES, D. Comunicação Alternativa em Rede e Difusão Contra-Hegemônica. In: COUTINHO, E. G. (Org.). **Comunicação e contra-hegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.
- PAIVA, R. & SANTOS, C. H. (Orgs.). **Comunidade e contra-hegemonia: rotas de comunicação alternativa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.
- PAIVA, R. (Org.). **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- PAIVA, R. **O Espírito Comum: comunidade, mídia e globalismo**. 2ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.
- PERUZZO, C. M.K. **Comunicação nos movimento populares: a participação na construção da cidadania**. 2a.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PERUZZO, C. M.K. Comunidades em tempos de redes. In: PERUZZO, C. M.K., COGO, D. & KAPLUN, G. **Comunicação e Movimentos Populares: Quais Redes?** São Leopoldo: Ed. Unisinos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2002.
- PRIMO, A. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- RHEINGOLD, H. **A comunidade virtual**. Lisboa: Gradiva, 1996.
- SODRÉ, M. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- TODOROV, T. **A Vida em Comum: Ensaio de Antropologia Geral**. Campinas: Papyrus, 1996.
- WILLIAMS, R. **Cultura e Sociedade**. São Paulo: Companhia Nacional, 1969.
- WIENER, N. **Cibernética e Sociedade: o uso humano de seres humanos**. São Paulo: Cultrix, 1968.